

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Tribuna da Imprensa Class.: Amazônia/Internac.

Data: 02/03/94 Pg.: 133

Os disfarces da cobiça internacional da Amazônia

Genival Rabelo

Em entrevistas a Lourenço Carrasco e Sílvio Palácios, de EIR - Executive Intelligence Review, o governador Gilberto Mestrinho se apresentou como exemplo do secular convívio racial na Amazônia, no sentido de assimilação do índio através da miscigenação com brancos e pretos

"Eu próprio sou um exemplo desta integração", assinala Mestrinho "Minha avó era índia e esta é a terceira vez que governo o Amazonas. Se os atuais "protetores" internacionais dos índios existissem antes, eu nunca teria sido eleito governador."

Observa Mestrinho que, no Brasil, como nos países vizinhos, especialmente Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, "missionários" estão desenvolvendo um pernicioso trabalho no sentido de isolar os índios, a títulos de protegê-los, mas, em verdade, com o objetivo de jogá-los contra os brancos.

"Tais disfarces fazem parte da velha cobiça internacional da Amazônia, que nós, amazônidas, nos negamos a ver como parte do Brasil, mas como o próprio Brasil, cujo povo se formou desde a descoberta pela saudável prática da miscigenação".

Eu vou mais longe. Levanto a tese de que, quantitativamente, a contribuição do índio na formação do povo brasileiro é maior do que o do europeu e do africano. Capistrano de Abreu fala numa população indígena, à época da descoberta do Brasil, de cerca de 6 milhões de almas. Mas o padre Antônio Vieira afirma que

Contribuição do índio na formação do povo é imensa

só no Grande Maranhão, nossa atual Amazônia, havia nada menos de 4 milhões de guerreiros. Deduz-se daí que a população indígena, então, na Amazônia, seria da ordem de 16 milhões de almas. Como nos dois primeiros séculos de conquista, os portugueses dificilmente se faziam acompanhar de suas mulheres, não havia outra solução que a miscigenação. O africano começou a participar timidamente, como o português, no sentido numérico, a partir da segunda metade do século XVIII. A base quantitativa, ao longo dos primeiros quatro séculos, na formação do povo brasileiro, quem se atreve a negar que tenha sido do índio?

Minha tataravó era mameluca. Minha bisavó casou-se com um descendente de holandês. De meu bisavô, filho de portugueses, dizia-se que morreu de uma queda

de cavalo aos 96 anos de idade, em Gotana, Pernambuco, deixando 29 filhos das três mulheres com as quais sucessivamente se casou, na fecunda vida de dono de engenho, e nada menos de 36 filhos de mucamas negras de seu harém, aos quais assegurou o direito de usar o nome da família (Rabelo) e oferecia um dote, ao completar cada um 15 anos de idade, mandando aventurar-se pelo Brasil. Para ele - Bento José Ferreira Rabelo - o problema maior do Brasil, no século passado, era a diminuta população para território nacional tão vasto. Era favorável às correntes migratórias européias iniciadas a partir de 1818, com as primeiras famílias alemãs localizadas em Petrópolis. Ambicionava ocupar os vazios demográficos e acreditava na máquina que, no seu

Epopéia da borracha não foi uma página dignificante da área

entender, substituiria definitivamente o cavalo no promissor e revolucionário século XX. Sonhava com o "navio voador", que viria a encurtar as distâncias, fazendo que o percurso Paris-Recife fosse coberto em menor tempo que o percurso Goiânia-Recife, nos comboios puxados por parelhas de adestrados cavalos.

Foi do Nordeste que se deslocaaram as primeiras levas de trabalhadores para a batalha da borracha a partir da segunda metade do século passado. O amazônida, do Pará ao Acre, é uma mistura do caboclo nordestino com o índio. De 1870 a 1913, teriam sucumbido nos seringaais da vasta planície molhada nada menos de 500 mil nordestinos que haviam trocado a montaria do cavalo pela canoa, lá, onde o rio é a rua.

A epopéia da borracha não é uma página dignificante da história da Amazônia, mas justifica a convicção de Mestrinho de que a Amazônia não é parte do Brasil e sim o próprio Brasil, que desejamos e devemos preservar da cobiça internacional, como alertou o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, em livro publicado em 1960 sobre o assunto, a cuja voz eu viria a fazer coro, oito anos depois, com o meu livro "Ocupação da Amazônia" (Edições Gemasa, 1968).

Tem razão Mestrinho quando afirma que hoje a população está prevenida contra os disfarces da cobiça internacional da Amazônia e não permitirá que se atente, a pretexto da preservação da cultura indígena, contra a unidade do território nacional, patrimônio maior que os colonizadores lusos nos legaram

Genival Rabelo é jornalista